

0 Jantar Chinês

Não sei se os meus amigos já ouviram falar do Porto Interior de Macau. É como se fosse uma outra cidade a balouçar no rio das Pérolas. Barcos pequenos e barcos grandes, ali, imensos, muito chegados uns aos outros, e as pessoas que lá vivem avançam de barco para barco como nós passeamos pelas ruas. Os barcos pequenos chamam-se sam-pans, que quer dizer três-tábuas, onde se abrigam famílias inteiras, e estão presos com varas de bambu enterradas na lama para que os ventos do tufão não os afundem. E os grandes, chamados juncos, são os que vão à pesca.

Ora bem, quando eu vivi em Macau, há muitos anos já, nos sampans amontoavam-se adultos e crianças quase uns por cima dos outros. E os juncos que, embora fossem barcos de pesca, serviam também de casa aos pescadores, eram conhecidos por fän-siuns, e tinham largueza.

Nesse tempo, no entanto, em Macau, todos os barcos navegavam à vela. Velas de pano remendado, cor de ferrugem, cor de lodo e até pretas. De qualquer modo, bonito ver essas velas desfraldadas que pareciam leques gigantes, rio fora, até ao meio do mar.

Uma vista verdadeiramente extraordinária, sim, o Porto Interior, mas com um ar de velhice e de pobreza. Que nos dias de hoje é diferente. Hoje, em lugar de velas, os barcos têm máquinas a vapor.

Lembro-me de que me vieram lágrimas na primeira vez que visitei esse porto de abrigo. Numa pequena embarcação, junto ao cais, uma velha muito velha, com um menino ao colo, chupava um comprido cachimbo de água. Subiam rolos de fumo de minúsculas chaminés de lata. Num junco, ao largo, salgava-se peixe. E então um barco-loja carregado de mercadorias:

sapatos de pano, tecidos, tachos, tigelas, bules para o chá, cestos de palha de arroz, chapéus de fibra de bambu. Barco, portanto, para fazer negócio. E para que a gente do rio não precisasse de ir à cidade comprar o que lhe fazia falta. Também outro barco, este, restaurante, a cheirar a banha de porco, a picantes e a fritos. E à proa um chinês gordo a mexer com um pau novelos de massa, que em chinês se diz min, e que ferviam num caldeirão com chouriço-china.

Era a sopa-de-fita, a sopa-de-longa-vida, que até continha miúdos de galinha ou de pato. Esse barco-restaurante movia-se igualmente entre os outros, servindo, de onde em onde, por sobre a amurada, uma tigela de canja. Ou arroz chau-chau. Ou um frasco de tau-fu-mui, a que os portugueses chamavam queijo chinês. E cartuchinhos de iau-ii, choco frito com piri-piri, ainda quente, e uma colherada de molho.

Foi então que descobri, aninhado à ré de um sam-pan, um menino a desenhar com um pincel fino os caracteres da sua língua. Entardecia. O sol poente punha na cabeça do rapazinho uma chama de ouro.

Atravessei, pois, uma prancha e, em seguida, vários barquinhos, até chegar perto dele. Atento ao trabalho, porém, ele não deu por mim. A água marulhava à nossa volta, escura, limosa. Uma mulher, a dona do barco em que eu me quedara, perguntou-me:

— Que quer daqui?

Tinha uma cara larga, castanha, mal-humorada.

Mostrei-lhe uma moeda:

— Vende-me esse periquito?

Foi a primeira coisa de que me lembrei. Receava que ela me mandasse embora e não queria, de modo algum, partir sem falar com o pequeno.

A verdade é que eu o conhecia do colégio. Pertencia à escola masculina, chamava-se Yu, que em português significa jade, uma pedra oriental muito preciosa e de cor verde.

A mulher abriu os lábios grossos num sorriso:

— Com certeza!

Estendia a mão para o dinheiro. Escancarou depois a gaiola de vime, tirou o pássaro, entregou-mo.

O bichinho, assustado, tremia na palma da minha mão, sem tentar fugir.

Súbito, um barco, chocando com o nosso, fez-me desequilibrar.

Abracei-me à mulher que ria. O passarinho, esvoaçando, foi pousar no ombro do rapaz, no barquinho ao lado.

E Yu viu-me.

- Sim-sam! - gritou (sim-sam quer dizer «professora»).

E no seu português meio chinês, perguntou-me o que é que eu fazia ali.

- Vim ver-te! - respondi.

Yu mostrou os dentes todos num jeito de agrado.

- Oh, entre para a nossa casa! Para que comprou a A-Mui o periquito? Eu podia dar-lhe um.

Começou a mostrar-me o barco. Ao centro, debaixo da cobertura de colmo em forma de túnel, o quarto dele e do avô. À proa, a cozinha, a capoeira com duas galinhas, uma gaiola de periquitos, um canário, o casinhoto do cão. À ré, o lugar onde ele estudava e onde recebia as visitas.

O sam-pan inteiro não tinha mais de três metros. A mobília do quarto de dormir era uma esteira no chão. Na sala das visitas havia um banquinho de bambu onde Yu me convidou a sentar.

Entretanto a noite caíra. Yu apressou-se a acender o candeeiro de querosene e a ferver o chá. Falava sempre: que surpresa! O avô devia estar a chegar e ia gostar de me ver ali.

Enquanto a água aquecia, chamou o cão e obrigou-o a fazer habilidades diante de mim. Depois, voltando ao periquito:

- Comprou-o caro, não? A-Mui só quer dinheiro. Tem gaiola para ele? Posso fazer-lhe uma. Gosta de cana ou de fibra de palmeira?

- Como quiseres. Igual à tua, que é bonita. Eu pago-te.

- Ora, eu não sou como A-Mui ...

Baixou a voz. A nosso lado, a vizinha, debruçada do barco, lavava na água turva o arroz do jantar num cesto de palha fina.

O pequeno foi guardar a minha ave na gaiola dele, para que não fugisse. Em seguida apurou o ouvido.

- Oiço a campainha do sam-lun-ché do avô.

Sam-lun-ché é um meio de transporte usado em Macau e puxado por um chinês numa bicicleta com três rodas.

Eram horas da ceia. Yu disse:

- Sim-sam, janta connosco, sim?

E logo o avô apareceu. Este também era do meu conhecimento. Quantas vezes não me levava ele a dar uma voltinha nas noites de estio? Era um velho alto e magro, de cara e cabeça sem pelo, boca larga, maçãs do rosto quadradas, gestos ágeis como se fosse jovem.

Ao ver-me, o velhote mostrou-se ainda mais espantado do que o moço.

- Sim-sam aqui?

O melão da sua cabeça subia e descia em cumprimentos:

- Yu! Não sabes como se recebem as pessoas?

O moço foi buscar o incensador.

O ancião desculpava-se:

- Cheira a sujo... Maré baixa. Muita população.

Dentro em pouco o perfume purificava o ar e tomávamos chá.

O incensador era um Buda de grés, e o fumo aromático passava por debaixo das pernas dobradas, gordas, do deus que tinha as mãos pousadas nos joelhos.

O velho foi à cozinha.

Do banquinho onde estava sentada descobri, no teto do quarto de dormir, um Cristo de barro.

- É teu, Yu?

- Sim, é meu. Fui eu que o fiz.

O avô voltava com um tabuleiro com três tigelas de arroz, hortaliça cozida, um ovo na minha tigela.

Os dois sentaram-se no chão.

- Cozo sempre o arroz de manhã, antes de ir para o trabalho — explicou o avô —, e agora é só aquecê-lo. Quanto à hortaliça, são rebentos de bambu. Cinco minutos abafados para ficarem tenros.

- Porque gastou um ovo comigo? — perguntei. — Vim dar-lhe despesa.

- Oh, não! Para que queremos as galinhas se não para as visitas ou para os dias de festa?

A Lua subia por trás das ilhas da China.

O rosto de Yu e do avô pareciam talhados em marfim.

O canário começou a cantar. Era um som suave e trémulo a que se juntava outro, também delicado, de mulher, algures.

Nunca comi tão bem na minha vida, amigos! — disse eu, ao terminar.

Eles sorriram, mudos.

Os meus pés calçados tocavam com intimidade os pés deles, nus e cruzados, como o Buda.

O perfume do incenso enchia tudo. Parecia que a própria Lua o aspirava, encantada.

Yu levantou-se, foi pôr mais arroz numa tigela, chamou o cão, deu-lhe de comer.
O velho sorvia goladas de chá. Oferecia-me mais. Era chá de jasmim.

— Yu — chamei —, guarda o periquito para ti. Só o comprei para poder chegar até aqui, afinal.

— Oh, não, sim-sam. Vou fazer-lhe uma gaiola e levo-lho qualquer dia dentro dela.

O avô aprovou. Era bom ter asas em casa. Um passarinho dava sorte.

A Lua, agora dourada, boiava no chá, resplandecia nos últimos fumos do incenso, brilhava nas faces pálidas de Yu e do avô, transformava as cinzentas águas do rio num lago de luz.